

Building the way

**“O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO VOCÊ CRESCER?”¹:
COMO A INFLUÊNCIA PARENTAL INTERFERE NO
DESENVOLVIMENTO
DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

**“WHAT DO YOU WANT TO BE WHEN YOU GROW UP?”:
HOW PARENTAL INFLUENCE AFFECTS CHILDREN’S
LEARNING DEVELOPMENT**

Viviane Faria Lopes² 
Rayssa Santos Lisboa³ 

RESUMO

Este estudo analisa a influência parental no desenvolvimento da aprendizagem da criança, de modo a identificar a importância da família no que deveria ser seu papel enquanto precípua educadora. Avaliando a importância da amorosidade e, ainda, o perigo da permissividade, destacou-se o papel da frustração para um profícuo desenvolvimento socioemocional, implicando no valor do estabelecimento de limites para a promoção do crescimento saudável da criança. A investigação referencia-se nos estudos sobre os estágios do desenvolvimento infantil, propostos por Wallon, e destaca a dimensão da experiência de desilusões a serem vivenciadas como forma de construir a resiliência e a capacidade de lidar com desafios tanto para o presente quanto para a vida adulta. Mediante a análise da narrativa fílmica *Capitão Fantástico*, o estudo fundamenta-se em pesquisas em neurociências e educação para, apropriadamente, intentar contribuir quanto à compreensão dos processos formativos na infância. Dessa feita, sublimando a relevância do papel familiar no desenvolvimento infantojuvenil, o presente estudo evoca a consciência parental quanto a seu papel basilar

¹ Versos da canção *Pais e Filhos* (1989), composta por Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Renato Russo.

² Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Vice-Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Literatura em Interfaces: Transdisciplinaridade e Interculturalidade” (LINTERFACES/CNPq)

viviane.lopes@ueg.br

<http://lattes.cnpq.br/2373124294060117>

<https://orcid.org/0000-0002-6401-4909>

³ Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)

rayssalisboa115@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0185047746906029>

<https://orcid.org/0009-0009-8209-4971>

Building the way

na educação dos filhos e, conseqüentemente, sua necessária contribuição com os encargos das instituições de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Parental; Desenvolvimento Infantil; Frustração.

ABSTRACT

This study analyzes the parental influence on the development of the child's learning, in order to identify the importance of the family in what should be its role as a primary educator. Evaluating the importance of loving-kindness and the danger of permissiveness, the role of frustration for a fruitful socio-emotional development was highlighted, implying the value of establishing limits to promote the child's healthy growth. The research is based on the studies on the stages of child development, proposed by Wallon, and highlights the dimension of experiencing disappointments to be experienced as a way to build resilience and the ability to deal with challenges both for the present and for adult life. Through the analysis of the filmic narrative *Captain Fantastic*, the study is based on research in neurosciences and education to, appropriately, try to contribute to the understanding of formative processes in childhood. Thus, sublimating the relevance of the family role in the development of children and adolescents, the present study evokes parental awareness regarding its basic role in the education of children and, consequently, its necessary contribution to the burdens of educational institutions.

KEYWORDS: Parental Education; Child Development; Frustration.

"O que Ben e eu criamos aqui pode ser único em toda a existência humana. Nós conseguimos criar o paraíso da República de Platão. Nossos filhos serão reis filósofos, isso me deixa tão feliz que nem sei expressar."

Leslie⁴

Considerações Iniciais

O desenvolvimento infantil é um processo contínuo e complexo, tendo seu início demarcado no âmbito familiar – ambiente em que a

⁴ Personagem da produção fílmica *Capitão Fantástico* (2016).

Building the way

interação contribuirá tanto para o progresso físico, quanto para o cognitivo –, de modo a interferir diretamente na construção identitária coletiva e individual, tendo em vista que a união de corpo e mente promove o avanço da linguagem e das atividades socioemocionais (Wallon, 1945). As perquirições de Wallon (1945) apontam que, para os bebês, o afeto se apresenta por meio dos cuidados básicos em sua sobrevivência, ou seja, antes e após o nascimento, de modo a lhes proporcionar uma sensação de segurança, amor e cuidados necessários para o seu crescimento saudável.

Na sociedade atual, outro grupo desempenha um papel fundamental no processo educacional das crianças, sendo demarcado como a segunda categoria de interação social que elas encontram: as instituições de educação infantil. Essas organizações escolares desempenham um papel importante no trabalho com as famílias para a devida formação dos pequenos aprendizes. Sobre isso, o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) aponta que a “educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Brasil, 1996).

As pesquisas de Lopes (2019) apontam e elencam que a importância da família é um assunto amplamente discutido pelos mais diversos profissionais da Educação e das Ciências Sociais, de modo a evidenciar sua influência na construção da identidade de seus filhos, inclusive, vindo a interferir diretamente na aprendizagem escolar, já que, conforme apontam pesquisas em Neurociências (Herculano-Houzel, 2010), os vínculos afetivos propiciam o desenvolvimento cognitivo. Levando em conta a relevância que tais laços possuem sobre a mente infantil, escolhemos, para escopo interpretativo da presente pesquisa, a obra

Building the way

audiovisual intitulada *Capitão Fantástico* (2016)⁵, justamente por trazer uma trama que enfatiza o papel parental na conformação de caráter das crianças. Com seis filhos, um casal aparentemente comum opta por um estilo de criação que transgride os padrões convencionais, já que se fundamenta numa vida com vínculo direto com a natureza, sem aparatos tecnológicos, e com muita leitura e atividades físicas de sobrevivência. Nessa incomum forma de instituição doméstica, em que são genitores, tutores e preceptores, esses pais tentarão uma forma de, segundo suas expectativas, verdadeiramente criar cidadãos felizes, críticos e fortes, emocional e fisicamente.

Para um exame contextualizado, a estrutura deste artigo foi organizada em três segmentos, além desta explanação preliminar e da ponderação final. O primeiro, nomeado “Dá pra viver mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau”, discute a importância da família para o desenvolvimento da personalidade e habilidades da criança. O segundo, tendo como título “Enzos, Valentinas & Cia”, aborda o quanto o estabelecimento de regras e limites, pelos pais, venha a ser essencial para o desenvolvimento saudável dos filhos, contribuindo para a formação de um caráter social. “Somos definidos pelas ações e não pelas palavras”, que é o terceiro segmento, faz a análise da produção fílmica *Capitão Fantástico* (2016), que retrata um casal que opta por uma forma de criação de seus rebentos que vai além dos padrões convencionais.

A pesquisa, desse modo, buscou trazer para discussão e reflexão o impacto que as escolhas de criação por parte da família têm na formação das crianças, bem como a relação afetiva entre pais e filhos interfere no desenvolvimento cognitivo e emocional dos pequenos. Visando destacar a importância do desenvolvimento infantil, firmamo-nos mais na avaliação do âmbito familiar, sem, todavia, subtrair o inquestionável valor das

⁵ Nome original em inglês: *Captain Fantastic* (2016).

Building the way

instituições de educação, já que ambas são interações que, diretamente, influenciam na formação da identidade e no progresso intelectual.

“Dá pra viver mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau”⁶

Segundo os estudos médicos e psicológicos de Wallon (1945), que contribuem para as pesquisas sobre educação, é indiscutível a importância da família para a evolução de uma pessoa, sendo as interações familiares fundamentais para o modelamento da personalidade e das habilidades. Conforme tais perquirições, é vital e basilar o papel dos pais e dos irmãos na (con)formação do caráter, de modo a evidenciar que o ambiente familiar realmente afeta direta e fortemente o progresso emocional, intelectual e comportamental da criança (Wallon, 1945).

Sendo o afeto o alicerce do convívio familiar, importa que nos atenhamos ao significado da emoção e de suas consequências naqueles que a têm e expressam. As averiguações de Araneda (2002), por exemplo, avaliam que emoção seja um estado de profunda afinidade com outros seres humanos, vindo a os tornar capazes de produzir sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade e união. Ainda para o psicólogo, a amorosidade é a principal característica da vida, permeando o universo, e colocando as afetividades presentes em todos os aspectos e ações do ser (Araneda, 2002). Em conformidade, o filósofo e educador Dalla Vecchia (2005) aponta que o afeto é o dinamismo que está na origem, no processo, nas estruturas e no significado do conhecimento e de tudo que somos e fazemos.

As relações emocionais são essenciais para o desenvolvimento do cérebro no início da vida, dessa feita, o modo como as interações iniciais ocorrem têm um impacto duradouro na saúde física e mental posterior (Herculano-Houzel, 2010). Assim,

⁶ Versos da música *Era uma vez*, composta por Kell Smith, lançada em 2017.

Building the way

[é] a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais, necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. (Ferrari; Kaloustian, 1994, p. 12).

De acordo com as autoras, faz-se necessário verificar que a conformação familiar importa diretamente, com a interação entre cada um de seus membros, sendo, ainda, basilar para a futura sociabilização externa (Ferrari; Kaloustian, 1994). Diante disso, é primordial atentar-se ao modo como as emoções são trabalhadas dentro do lar, justamente porque elas serão fundamentais no desenvolvimento infantil, com sua influência se dando desde a gravidez e ficando cada vez mais forte na medida em que o pequeno ser cresce – dentro e, depois, fora do útero (Herculano-Houzel, 2010).

A fim de melhor elucidar sobre as demandas no decorrer dessa etapa da vida, o pesquisador apresentou cinco estágios de desenvolvimento, explicando que são assistemáticos e descontínuos, ou seja, que possuem avanços e recuos, estagnação e evolução, fluxo e refluxo (Wallon, 1945). Wallon (1945) elucida, ainda, que, ao longo dos estágios, ocorre uma alternância funcional onde ou o afeto ou a cognição domina, correspondendo à dinâmica centrípeta e centrífuga da interação da criança com o meio.

O desenvolvimento da criança não se dá por simples soma dos progressos que prosseguiriam sempre no mesmo sentido. Apresenta oscilações [...], manifestação antecipada, de uma função, devido ao concurso feliz de circunstâncias e retorno que explica a elaboração ainda insuficiente dos seus fatores subjetivos; retrocessos dos seus resultados [...],

Building the way

eclipse dos seus efeitos por funções mais recentes (Wallon, 2007, p. 105).

Tomando os estudos de Wallon a respeito dos estágios da infância, Mahoney e Almeida (2010) elucidam que o médico em apreço estabeleceu cinco fases do desenvolvimento infantil, a saber: impulsivo-emocional (0 a 1 ano), em que as funções emocionais e sensitivas primárias observam o corpo e se movem de forma descoordenada; sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos), com marcha e fala plenas, já com coordenação motora e manipulação de objetos; personalismo (3 a 6 anos), desenvolvendo construção da autoconsciência; categorial (6 aos 11), em que a criança já está engajada em diferentes níveis de atividades de agrupamento e categorização; puberdade e adolescência (a partir dos 11), onde ela se vê como autônoma e acredita formar sua própria identidade em conflitos internos e externos ao 'eu', tendo seus próprios valores e sentimentos.

Importa salientar que é muito comum que as crianças experimentem contratempos em todas as fases do seu desenvolvimento, com a frustração sendo uma parte natural do crescimento e da aprendizagem, e desempenhando um papel importante no progresso das habilidades cognitivas, emocionais e sociais (Consenza; Guerra, 2011). Investigações a respeito da evolução cognitiva reforçam que a frustração é importante para o desenvolvimento da criança e que, quando esse sentimento é afetado na infância, pode trazer benefícios na vida adulta, tornando o indivíduo mais resiliente, além de criar habilidades para superá-la (Vale, 2019). A esse respeito, Vavassori (2017) avalia ser

fundamental para o processo de desenvolvimento do ser humano que permita ao indivíduo, desde criança, viver frustrações, na medida de sua habilidade para assimilá-las. Nesse contexto, o indivíduo pode aprender a superar situações sociais, em vez de apenas manipulá-las para diminuir seus efeitos (Vavassori, 2017, p. 192-193).

Building the way

Apesar de os estudos acima citados ressaltarem a importância de se vivenciar insucessos, importa que se entenda que verdadeiramente essa relevância se faz no período da infância, de modo a acarretar benefícios de evolução sociocognitiva, afinal, se esse sentimento não for experienciado em tenra idade, com grande probabilidade resultará um adulto impulsivo, que não respeita os outros, não aceita a oposição dos outros, vê isso como um obstáculo e se sente incapaz de superar os desafios da vida (Vale, 2019).

Por sua vez, inúmeros estudos nos levaram a investigar as representações sociais das limitações de desenvolvimento infantil por pais e professores, mediante uma educação desregrada e sem demarcações de medida. Um deles é o de Araújo (2007), que examina a importância de cada limite no processo educacional tanto em casa quanto na escola, além de apontar as muitas dúvidas, culpas e inseguranças que mães e professoras ainda apresentam quando se trata de limitar e malograr os desejos das crianças. Todavia, é possível verificar que “[f]rustrar é, portanto, um ato de amor. Se você não frustrar seu filho, a sociedade o fará de modo impiedoso [...]” (QUANDO FRUSTRAR..., 2021).

Desse modo, importa ponderar que a base familiar que fundamenta as emoções para a criança deve, de igual modo, considerar o estabelecimento de limites sobre querer, já que as ações e expressões adequadas balizarão suas estruturas cognitivas e modelarão seu caráter. Garantir um amor firme e inabalável está aliado, também, a desencantar em momentos certos, a fim de ensinar comportamentos e resiliência (QUANDO FRUSTRAR..., 2021). Segundo avalia Zagury (2003), a demonstração clara e emotiva de sentimento, por parte dos pais, combinada à compreensão e à firmeza no controle do comportamento inadequado, auxilia na promoção de uma crescente maturidade e autocontrole da criança, podendo levar a um comportamento adequado

Building the way

que irá, gradualmente, substituindo o impulsivo, de modo a, inclusive, garantir a autoestima.

Verifica-se, portanto, que o afeto é importante para o desenvolvimento saudável da criança, devendo, todavia, tomar a demarcação de limites como uma de suas expressões, tendo em vista que a negação a determinados quereres ajuda a fundamentar uma base que contém equilíbrio emocional, responsabilidade e respeito aos outros. Em suma, impor limites aos pequenos é, clara e fortemente, uma forma de canalizar um amadurecimento moral e cognitivo saudável, quando feito de modo consciente, respeitoso e de acordo com o estágio de crescimento e a capacidade de compreensão da criança.

Enzos, Valentinas & Cia.

Muitos foram e ainda são os debates a respeito da importância dos entes para a adequada evolução dos filhos, afinal, “a família traz em seu bojo um papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência” (Camargo; Buralli, 1998 p. 30). As pesquisas indicam que a construção identitária do sujeito é modulada, em maior medida, pelas influências advindas da instituição parental (Lopes, 2019), tendo em vista que “[os] três principais sistemas que afetam a criança em desenvolvimento são: a família, a escola e o ambiente externo a estes dois contextos” (Bronfrenbrenner, 1996, p. 20), com essa ordem sendo demarcadora da importância.

No vídeo *O papel dos pais na educação dos filhos* (2016), o educador Mário Sérgio Cortella discute a importância de os pais se envolverem ativamente no amadurecimento de seus filhos:

Um pai me perguntava: “Professor, o que a família pode fazer para ajudar a escola na educação dos nossos filhos?” E eu disse: “Olha, pai, há uma inversão na tua questão. Não é a

Building the way

família que ajuda a escola na educação dos seus filhos, é ao contrário, é a escola que ajuda sua família na educação dos seus filhos, fazendo escolarização” (Cortella, 2016).

As palavras de alerta do doutor em Educação em apreço aclaram o quanto os responsáveis legais pelos pequenos aprendizes ainda trazem por crença que o ambiente escolar seja o primeiro e maior responsável pela progressão social dos sujeitos. Logo, torna-se flagrante a importância tanto do esclarecimento quanto da ação de arregar para si a responsabilidade que familiares, de modo geral, têm sobre os decentes, já que, de acordo com a pesquisa de Martins (2023), a falta de envolvimento desses responsáveis é diretamente prejudicial à escolarização que cabe aos professores.

Verifica-se, ante os inúmeros estudos realizados, que a prática parental vem a ser a de transferência para as escolas de sua responsabilidade pela educação dos filhos. Porém, a lacuna deixada pela ausência dos pais quanto ao cumprimento desse papel basilar sobrecarrega os profissionais escolares, dado que a formação educacional “cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola” (Vygotsky, 1988, p. 87).

O educador anteriormente referenciado avalia que os pais devem, além de avocar sua função substancial, estabelecer regras claras e consistentes em termos de vida diária, como comportamentos adequados ao ambiente, direcionamento de afazeres e, ainda, limitação de lazeres (Cortella, 2016). Conforme avaliam Cortella (2016) e Zagury (2003), impor restrições não significa reduzir a liberdade das crianças, mas, ao contrário, tende a orientá-las e ensiná-las a ter responsabilidade, respeito e autoavaliação quanto às conseqüências do próprio comportamento.

Building the way

Comportamentos agressivos e sem afeto, todavia, impulsionam malefícios emocionais:

As crianças que se habituem a funcionar à base de ameaças costumam assumir responsabilidades, são subdesenvolvidas e carentes do ponto de vista afetivo e emocional. A sanção pode ser necessária na educação da criança, mas deve ser aplicada com muito cuidado, porque corre o risco de ser deseducativa (Vergés; Sana, 2009, p. 54).

A motivação precípua está, na verdade, na importância maternal e paternal de se entender todo o composto de necessidades de toda a família, em que regras colocadas e cumpridas contribuem para a criação de caráter, com a palavra “não” podendo e devendo ser usada como aparador e direcionador de ações, de modo a permitir que os filhos exercitem suas emoções (Zagury, 2003). Da mesma forma, a atitude que os adultos adotam em relação à educação dos pequenos e os limites que estabelecem também precisam de ser consistentes, caso contrário, o desenvolvimento da criança pode ser severamente comprometido.

Segundo Dolto (1998), designar marcos não significa simplesmente impor um conjunto de ações que devem ser seguidas sem questionamento, mas sim, orientar comportamentos que ajudam a criança a se construir enquanto sujeito social pensante e reflexivo. Ao contrário de ameaçar, o direcionamento afetivo faz-se por meio de “conversas com as crianças, explicando-lhes quais as regras, por que existem, por que são importantes e o que poderia acontecer caso não existissem” (Machado, 2002, p. 69).

Em concordância às devidas atitudes familiares na educação dos filhos, importa, também, que o espaço escolar seja propício ao progresso emocional dos educandos. Por sua vez, as instituições de ensino “têm a obrigação de prover ambientes acolhedores, seguros, alegres, instigadores, com adultos bem preparados, organizados para oferecer

Building the way

experiências desafiadoras e aprendizagens adequadas às crianças de cada idade" (Craidy; Kaercher, 2001, p. 16). Infelizmente, muitas instituições escolares ainda mantêm um modelo unilateral de relação professor-aluno, exigindo respeito irrestrito à figura docente e estabelecendo regras que se fundamentam na obediência, com um sistema de punição e recompensa (Chechia; Andrade, 2005).

Do mesmo modo que a agressividade dos pais acaba por deseducar (Vergés; Sana, 2009), uma corporação de ensino que se firma na imposição de diretrizes mandatórias promoverá consequências emocionais lesivas. De acordo com Martins (2021) “um bom relacionamento entre professores e alunos, por conseguinte, é capaz de manter a motivação tanto do lado de quem aprende quanto do lado de quem ensina”. (Martins 2021, p. 15). E novamente em acordo aos que deve ser feito pelos pais, os professores precisam de estabelecer limites, o que tende a ir muito além de mecanizar comportamentos, e vindo a colocar sua imagem como exemplo para os alunos, já que, como aponta Herculano-Houzel (2010), a tendência natural das crianças é a de aprender por imitação. Dessa feita, “pais e educadores devem estimular as crianças nas suas tentativas e experiências, acompanhá-las de forma positiva nas suas atividades e descobertas, transmitir-lhes confiança” (Vergés; Sana, 2009, p. 57).

Ante o exposto, importa ratificar que “tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola”, e ainda que tenha sua “metodologia e filosofia”, o meio escolar precisa dos pais “para concretizar seu projeto educativo” (Parolin, 2003, p. 99). Encontrar o equilíbrio para a tentativa de uma criação saudável é possível e, na verdade, necessário, para auxiliar o crescimento emocional e relacional, pois “[l]idar com as crises é buscar soluções e reinventar

Building the way

existências, é adaptar-se à realidade sem deixar questionamentos e buscar por soluções que incluem” (Silva; Oliveira; Lopes, 2021. p. 366).

Estabelecer regras também ensina às crianças que seus direitos terminam onde começam os direitos dos outros; dizer sim, quando possível, e não, quando necessário, contribui para a formação de um caráter social; mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não, direciona ao respeito ao outro e a si mesmo; ensinar com regras mediadas e diálogos respeitosos auxilia na superação dos problemas da vida de forma equilibrada e madura. Muitos pais acreditam, erroneamente, que impor limites seja um golpe sentimental para os filhos e acabam por se tornar passivos; outros, assumem uma atitude autoritária e se regulam pela lei do mais forte, gritando, punindo fisicamente, e violando a privacidade das crianças. Por isso, o ideal seria o que tanto se tem repetido há anos, ou seja, que pais e escolas, verdadeiramente unidos, contribuam para a educação das crianças, interferindo direta e efetivamente no estímulo das diferentes habilidades e, conseqüentemente, na construção da identidade desses pequenos ‘Enzos e Valentinas’, de modo a os tornar cidadãos críticos e transformadores.

“Somos definidos pelas ações e não pelas palavras”⁷:

A produção fílmica estadunidense *Capitão Fantástico* foi lançada em 2016, sendo uma trama de duas horas sob a direção de Matthew Brandon Ross. Trazendo um enredo ficcional – afinal, não fora baseado em fatos reais, apesar de serem possíveis –, recebeu a classificação de comédia dramática. O personagem principal é interpretado por Viggo Montenser (Ben Cash) – o famoso pai da história, ou seja, o tal Capitão Fantástico –, com os seis filhos sob a atuação de George Mackay (Bodevan), Samantha Isler (Kielyr), Analisse Basso (Vespyr), Nicholas Hamilton (Rellian), Shree Crooks (Zaja), Charlie Shotwell (Nai). Além de Viggo Montenser, que é

⁷ Frase da personagem Leslie, da produção fílmica *Capitão Fantástico* (2016).

Building the way

afamado ator, o filme traz, também, artistas de elevado mérito e notabilidade, como Frank Langella e Ann Dowd. Importa, ainda, ressaltar Trin Miller, que interpretou Leslie, a esposa de Ben, que, apesar de falecer no início da narrativa, tem papel importante no desenrolar da história e acaba por ser a razão de toda a ação ficcional.

O argumento fílmico volta-se a uma família que adota uma forma de educação não convencional, vivendo em uma floresta e afastada do convívio regular com outras pessoas, com os pais – Ben e Leslie – sendo os únicos responsáveis pela educação social e escolar dos filhos, papel esse que assumem com rigor e capacidade erudita. Como uma família não convencional, os pais trazem por propósito a filosofia platônica presente em *A República* (Platão, 2009), tendo por intento o de tornar as crianças os tais ‘reis-filósofos’ que Platão aponta, ou seja, pessoas singulares na sociedade e com capacidade inaudita, sabedores únicos da concepção de justiça e de bem, graças ao acesso privilegiado que têm ao conhecimento versado, crítico e de elevação superior (Platão, 2009).

Os progenitores da narrativa, Ben e Leslie, são severos na criação, apesar de sensíveis e atentos às necessidades biológicas, fisiológicas e cognitivas, vindo a exigir que seus filhos tenham excelência em todas as atividades até o extremo suportável de seus corpos e mentes (CAPITÃO FANTÁSTICO, 2016). O filme retrata bem o ambiente de aprendizagem estimulante criado pela família, em que os pais valorizam não apenas o aprendizado acadêmico crítico e profundo, mas também, a interação com a natureza, a prática de atividades físicas, o gosto pela música e pela dança, além da promoção à curiosidade e à imaginação inventiva (CAPITÃO FANTÁSTICO, 2016).

Apesar da vida alternativa aos padrões sociais vigentes, Ben e Leslie estabelecem regras e princípios, pautados no respeito, na obediência e no questionamento crítico, bem como no comportamento ético e no respeito à natureza (Silva; Oliveira; Lopes, 2021). Os limites colocados

Building the way

auxiliam no cumprimento das diversas atividades, que incluem a leitura de leis, ciências, filosofia e literatura, as aulas de atividades físicas intensas, a execução de tarefas domésticas, a prática de música, além da plantação e caça da própria comida (CAPITÃO FANTÁSTICO, 2016), tudo bem organizado numa rotina estruturada.

Em sua análise a respeito da produção em questão, Silva, Oliveira e Lopes (2021) ponderam sobre o modo de vida da família:

Encontra-se perceptível, ainda, uma constante tentativa de expor o conhecimento em seu formato original, sem metáforas ou adaptações etárias, com as crianças sendo educadas a partir de avaliações sociais e encorajadas a desenvolver suas críticas diante de informações diretas. Sem fantasias, que tendem a tornar as referências mais palatáveis e distantes da realidade, os jovens são tratados com uma demonstração de respeito mútuo por suas capacidades intelectuais, emocionais e físicas. Dominando com maestria conteúdos avançados, nas mais diversas áreas de conhecimento, são encorajados a debater temas e elaborar suas próprias ideias, que deveriam ser pautadas em argumentos construídos com rudimentos fundamentados (Silva; Oliveira; Lopes, 2021, p. 361).

As educadoras apontam o quanto os pais da narrativa voltam-se à transmissão direta e objetiva do conhecimento humano em todas as vertentes possíveis, tornando as crianças sujeitos pensantes e críticos (Silva; Oliveira; Lopes, 2021). Além disso, os jovens são continuamente incentivados a expandir conhecimento sobre complexas áreas da cultura, das ciências e das leis, por meio de leituras regulares e de debates ponderados, em que há a promoção do pensamento crítico e da autonomia intelectual. Por essa razão, é inquestionável, na trama, que existe para essas crianças uma educação que estimula a participação de todos os envolvidos no processo educacional, vindo a promover o que Paulo Freire chama de educação libertadora (Freire, 2013).

Building the way

Apesar de *Capitão Fantástico* (2016) ser uma ficção que retrata uma criação alternativa extremada – a família vive isolada numa floresta –, faz-se completamente possível (re)avaliar o modo como é preponderante a presença parental no desenvolvimento da criança. Diante disso, deve-se questionar o papel figurativo que normalmente os pais exercem junto às escolas, por acreditarem-se coadjuvantes nesse processo educacional, afinal, conforme já colocado na seção anterior deste trabalho, a atuação da família no ambiente escolar é fundamental para apoiar e estimular o desenvolvimento das crianças diante dos desafios encontrados ao longo de sua jornada educacional (Martins, 2023).

A integração entre escola e família torna-se fundamental para a detecção de dificuldades/distúrbios/transtornos, bem como para a estimulação das bases cognitivas e emocionais que a criança venha a precisar, tendo em vista que o trabalho conjunto entre tais entidades é o modo adequado para se encontrar soluções (Parolin, 2005). Os estudos de Chechia & Andrade (2005) revelam o quanto, por exemplo, um comportamento indisciplinar no colégio é reflexo da ausência parental na colocação de limites e no ensino sobre respeito, vindo a avaliar que,

em muitos casos, os pais interferem negativamente na vida escolar, o que acaba prejudicando o comportamento em sala de aula. Neste sentido, para a escola, os pais não têm apenas que estar presentes, mas devem também assumir o papel ativo no cotidiano escolar dos filhos. O apoio e a participação dos pais na vida escolar dos filhos colaboram com a escola no sentido de se obter um trabalho de classe mais equilibrado (Chechia; Andrade, 2005, p. 231).

Os psicólogos acima apontam que, embora a escola desempenhe um papel fundamental na formação dos estudantes, é substancial que haja uma parceria entre a família e a escola, onde aquela incentiva e apoia o trabalho desta, compartilhando as responsabilidades educativas e participando da vida escolar (Chechia; Andrade, 2005). Isso somente vem

Building the way

a revelar que, realmente, muitas famílias confundem escolarização com educação, de modo a se isentarem de sua responsabilidade educativa precípua; todavia, é imperativo que tenham em mente que “a escolarização é apenas uma parte da educação. Educar é tarefa da família. Muitas vezes, o casal não consegue, com o tempo que dispõe, formar seus filhos e passa a tarefa ao professor, responsável por 35, 40 alunos” (ENTREVISTA COM..., 2014) por tão somente algumas horas do dia ou da semana.

A falta de limites, conforme apontado por Zagury (2003), pode resultar em uma série de dificuldades crescentes, como a dificuldade em aceitar limites, distúrbios de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades, e comportamentos agressivos quando contrariados. Uma criança que não aprende a ter limites acaba desenvolvendo uma percepção deformada do outro, focando apenas em si mesma, em seus desejos, bem-estar e prazer, e, por esse motivo, é fundamental que seja educada com o senso de limites, de respeito e de valorização tanto de si mesma quanto do outro, o que lhe promoverá autoestima e autonomia (Machado, 2002).

A obra cinematográfica em apreço ressalta Ben colocando limites e convocando os filhos ao comportamento obediente, apesar de, provavelmente, parecer severo demais para os moldes atuais dos espectadores. As cenas que exibem os treinamentos rigorosos, que visam à sobrevivência na floresta, aparentam uma aspereza paternal que alude à falta de sensibilidade, mas que, ao contrário, será justificada no conjunto da trama, já que o ambiente da criação deve ser levado em conta. Esse olhar avaliativo, que se baliza na situação contextual, foi exposto pela jornalista e escritora Julia Tolezano da Veiga Faria, em seu Canal:

Esse filme quer dizer que tudo são flores e que esse cara achou o método perfeito de criar seres humanos e eles vão ser incríveis? Não! Porque é óbvio que tem uma falhinha ou

Building the way

outra. Por exemplo: habilidade social zero dessas crianças. [...] não entendendo como é que funciona as relações interpessoais (Faria, 2017).

A percepção da jornalista quanto à obra *Capitão Fantástico* é criticamente ponderada (Faria, 2017), tendo em vista que não se trata, neste trabalho, de a colocar como exemplo maior quanto a uma perfeita criação familiar; antes, o intuito de a haver tomado por objeto analítico faz-se pelo modo como os pais levam a sério seu papel de educadores. Apesar de, ao longo da trama, Ben e Leslie serem também os preceptores, o filme termina com as crianças passando a frequentar um colégio, sem que, todavia, Ben modifique sua importância enquanto educador primeiro de seus filhos: “Ele é o pai. Ele está guiando aquelas pessoas. Mas ele sempre está aberto a argumentações” (Faria, 2017).

Como o enredo traz, logo nos primeiros minutos, a morte de Leslie, Ben é colocado ao telespectador como o genitor central, passando a ter de cumprir esse papel com a ausência da esposa. Desse modo, é sua atitude de autoridade e orientação que pode ser analisada no decorrer da narrativa. Os jovens o olham com apreço, deferência e obediência, apesar de, em alguns momentos, demonstrarem insegurança, medo e contrariedade aos direcionamentos recebidos; eles ouvem atentamente as instruções de seu pai e seguem o que ele diz, porém, expõem seus pensamentos sempre que não concordam (CAPITÃO FANTÁSTICO, 2016).

Dessa feita, ressaltamos que, apesar de não ser o modelo impecável de paternidade, o protagonista de *Capitão Fantástico* (2016) busca criar e direcionar os jovens de modo a lhes moldar uma identidade digna, resistente e crítica (Silva; Oliveira; Lopes, 2021). Ben aproxima-se do que é necessário, por parte de pais, para estabelecer uma parceria saudável entre escola e família, justamente porque ele assume seu papel de

Building the way

educador precípua mesmo quando as crianças começam a frequentar o colégio.

O comportamento de Ben, ao final do filme, ratifica o que tantos estudiosos da Educação têm investigado há tanto tempo: quando a família acompanha ativamente seus filhos em seu processo educacional, a escola desempenha seu papel com eficiência, o que, por sua vez, proporciona segurança e devida progressão mental e social às crianças, que se sentirão duplamente amparadas (Araújo, 2007; Chechia e Andrade, 2005). Em concordância, Parolin (2007, p. 36), ressalta que “[a] qualidade do relacionamento que a família e a escola construirão será determinante para o bom andamento do processo de aprender e de ensinar do estudante e o seu bem viver em ambas as intuições”. Igualmente em conformidade aos estudos citados, Martins (2023) ponderou que

é necessário estimular a promoção de ambientes intelectuais onde a humanidade, a simplicidade e o afeto ao próximo possam se tornar características e correntes de educadores e educandos – sejam esses pais, pesquisadores, professores, cientistas, ou quaisquer outros profissionais que se interessem em ensinar. Humanizando a sistematização, a teoria poderá ser, por sua vez, mais intimista, mais prática e, portanto, mais efetiva, pois facilitará a compreensão, a internalização e o processo de aprendizagem aliado ao estímulo da memória. (Martins, 2023, p. 21).

A pedagoga assinalada, em conformidade aos estudiosos elencados nesta pesquisa, aponta o quanto a coesão entre os dois essenciais educadores – pais e escola – efetivará a evolução dos jovens aprendizes, que necessitam de direcionamento, limites, incentivo e amor, entre outros (Martins, 2023). Dessa feita, embora a produção cinematográfica em pauta retrate uma família que desempenha, a princípio, o único papel educacional com as crianças, importa ressaltar que o desenvolvimento da aprendizagem infantil seja um processo complexo e que envolve diferentes agentes e contextos (Dolto, 1998).

Building the way

Diante do exposto, atesta-se que o comprometimento devido de ambas as entidades educativas – família e escola – é fundamental e necessário para o apropriado processo de desenvolvimento da criança, em mente, corpo e sociabilização. Já que comumente os profissionais da educação têm ciência de seu papel e de sua importância, buscamos apontar a necessidade de consciência por parte dos educadores familiares e, ainda, da necessidade que têm em direcionar e auxiliar com amor e firmeza de limites quanto aos quereres infantis. Portanto, quando os pais têm uma participação ativa na vida educacional de seus filhos, é inegável que isso contribua para a construção de uma identidade devidamente desenvolvida e eficazmente cidadã.

Considerações finais

Embora os pais desempenhem um papel crucial na formação dos filhos, é fundamental que haja uma parceria com a escola, já que os profissionais da educação, cientes de sua função instrutiva, precisam do apoio familiar, a fim de compartilharem suas responsabilidades educacionais. Ainda, faz-se necessário ressaltar que a participação da família junto à instituição de ensino é uma obrigação legal, determinada pela Constituição Federal e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996). Tal apontamento leva-nos a avaliar que, ainda que tenha amparo legalmente assegurado, essa obrigação parental deve ser uma informação fortalecida e, inclusive, cobrada.

De acordo com o que está estabelecido pela LDB, a escola tem como função social formar cidadãos, garantindo-lhe que tenham a formação necessária para o exercício de seus direitos e deveres sociais, além de lhes proporcionar meios para progresso profissional e acadêmico (BRASIL, 1996). Dessa feita, apesar de toda a sobrecarga que já sustenta, seria propício que a escola buscasse formas de aproximar as famílias, não somente por meio de reuniões, mas também as envolvendo em outras

Building the way

atividades realizadas ao longo do ano letivo, como eventos comemorativos, palestras e confraternizações – mas, nesta ponderação final, trazemos isso somente como uma sugestão. Verdadeiramente, a estrutura social já deveria trazer como basilar o discernimento da família quanto às suas obrigações educativas, quanto aos seus compromissos educacionais e quanto à sua função educadora.

Por sua vez, o papel familiar carrega muito mais do que atender à criança em suas necessidades e vontades, pois ações parentais que visam à satisfação de todos os desejos da criança, com o objetivo de não lhe causar tristeza ou frustração, confirmam que não venham a ser uma verdadeira prova de amor. Tais estudos servem de alerta, em especial, aos pais que apresentam dificuldade em impor limites, que não sabem como expor negativas e que temem frustrar exigências das crianças: não satisfazer a todos os desejos é, realmente, importante para a criação saudável.

A produção fílmica *Capitão Fantástico* (2016), colocada como modelo analítico nesta pesquisa, avultou o comportamento do protagonista Ben – pai de seis jovens e viúvo. Na sua tentativa em cumprir severa e eficazmente o papel de educador precípua, foi recompensado pelos resultados, de modo geral, embora momentos de resistência e de desafio por parte das crianças tenham existido. Os jovens entendiam a autoridade paternal, sabendo que obedecer às regras colocadas por Ben seria, inclusive, crucial para sua segurança e bem-estar, tomando por base o contexto em que viviam.

Ainda uma vez mais, ressaltamos, neste postremo arremate, que o modelo de educação familiar exercido pelo protagonista do filme e sua esposa não são e nem deveriam ser considerados isentos de mácula e de necessidade de ajustes, tendo em vista que, antes de tudo, ocorre num ambiente singular e numa vivência cotidiana extremamente atípica e distante da realidade da maioria das famílias atuais. A verdade é que, enquanto produção ficcional, a narrativa audiovisual em apreço pode

Building the way

provocar a apatia social dos espectadores, tantas vezes acomodados, impulsionando-os a uma melhoria necessária em suas obrigações educativas. Afinal, na vida real, a aprendizagem infantil ocorre em uma diversidade de contextos, sendo a escola um deles e a família, dentre todos, o mais importante, fazendo-nos lembrar de que, sim, a relação pais e filhos é basilar para definir o que “você vai ser quando você crescer”.

REFERÊNCIAS

- ARANEDA, Rolando Toro. Biodanza y educación. *In: Pensamento Biocêntrico*, nº 04, julho/dezembro 2005, p. 45-52, 2005.
- ARAÚJO, Greicy. **Limites na Educação Infantil: as representações sociais de pais e professores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). 9394/1996. Brasília: Portal MEC, 1996. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/593336/LDB_5ed.pdf. Acesso em 02 de ago. de 2023.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CAMARGO, Climene Laura de; BURALLI, Keiko Ogura. **Violência familiar contra crianças e adolescentes**. Salvador: Ultragraph, 1998.
- CAPITÃO FANTÁSTICO. Matthew Brandon Ross. Estados Unidos: Universal, (s.d.). 1 DVD (120 min), 2016.
- CHECHIA, Valéria Aparecida; ANDRADE, Antônio dos Santos. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. *Estudos de Psicologia*, vol. 10(3), 431-440, 2005.
- CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis. **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CONSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

Building the way

CORTELLA, Mário Sérgio. **O papel dos pais na educação dos filhos.** Canal Colônia do saber no YouTube, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/bEHaiz96HRo>. Acesso em 29 de jul. de 2023.

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. A afetividade e a estrutura teórica unificada e sistêmica de Fritjof Capra. *In: Pensamento Biocêntrico*, nº 04, julho/dezembro 2005, p. 53-80, 2005.

DOLTO, Françoise. **Caminhos da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENTREVISTA COM o professor, educador e filósofo Mário Sérgio Cortella. **Colégio Palavra Viva.** 17 abr. 2014. Disponível em: [Entrevista com o professor, educador e filósofo Mario Sergio Cortella. | Colégio Palavra Viva \(colegiopalavraviva.com.br\)](http://Entrevista.com.com). Acesso em 12 nov. 2023.

FARIA, Julia Tolezano da Veiga. **Atenção nós somos os primos.** Canal Jout Jout Prazer no YouTube, 2017. Disponível em: [ATENÇÃO NÓS SOMOS OS PRIMOS - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=ATENCAO_NOS_SOMOS_OS_PRIMOS). Acesso em 12 de nov. de 2023.

FERRARI, Marília; KALOUSTIAN, Suzana Mesquita. A Importância da Família. *In: KALOUSTIAN, S. M. (org.) Família brasileira: a base de tudo.* São Paulo: Cortez, 1994. p. 11-15.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **Neurociências na Educação.** Belo Horizonte: Edic/Atta Editora, 2010.

LOPES, Viviane Faria. **Identidade, família e letramento:** representações discursivas num contexto de pobreza. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

MACHADO, Patrícia Brum. **Comportamento Infantil:** estabelecendo limites. Porto Alegre: Mediação, 2002. (Cadernos de Educação Infantil; nº 10).

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. (orgs.) Afetividade e aprendizagem:* contribuições de Henri Wallon. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010, p. 11-33.

Building the way

MARTINS, Luzia Carvalho. “Não existe educação sem amor”: a relação necessária entre conhecimento e afeto na educação infantil. In.: LOPES, Viviane Faria; SUZUKI, Júlio César; CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de. **Análise psicolinguística: mídias e educação**. São Paulo: FFLCH/USP: PROLAM/USP, 2023, p. 154-178.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2005.

PLATÃO. **A República**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

QUANDO FRUSTRAR é um ato de amor. **Veja Saúde**. 04 set. 2021. Disponível em: [Quando frustrar é um ato de amor | Veja Saúde \(abril.com.br\)](https://veja.abril.com.br/saude/quando-frustrar-e-um-ato-de-amor/). Acesso em 02 nov. 2023.

SILVA, Altina Abadia; OLIVEIRA, Danyelle Borges; LOPES, Viviane Faria. Reis filósofos na busca por uma sociedade idealizada: análise socioeducacional do filme Capitão Fantástico. In: **Conjecturas**, vol. 21, nº 7, 2021, p. 352-369.

VALE, Tássia Cabral do. **Educação infantil e neurociência: um diálogo necessário com/por e para as crianças**. Anais VI CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

VAVASSORI, Mariana Barreto. Postura dialógica e frustração habilidosa: tramas da terapia gestáltica. **Rev. IGT na Rede**, v. 14, nº 27, p. 185-200, 2017. Disponível em: Bibliografia – “Frustração Habilidade”: (bvssalud.org). Acesso em: 27 jul. de 2023.

VERGÊS, Maritza Rolim de Moura; SANA, Marli Aparecida. **Limites e indisciplina na Educação Infantil**. Campinas/SP: Alínea, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ed. Ícone, 1988.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

WALLON, Henri. (1945). **As Origens do Pensamento na Criança**. Edição de 1945. Editora Manole, Rio de Janeiro, p. 178.

ZAGURY, Tania. **Limites sem trauma**. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.